HVMANITAS

[Recensão a] GUIMARÃES, Joana - Suicídio Mítico, Uma Luz Sobre a Antiguidade Clássica

Autor(es): Santos, Isabel M. Costa

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27394>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_64_23

Accessed : 26-Apr-2023 08:41:48

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXIV
2012**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

emancipação de escravos enquanto tinham condições de vida, se defendia a aplicação do *S.C. Silanianum* –, a verdade é que, conforme nota a maior parte dos críticos, o alvo paródico de Petrónio é, neste caso e tendo até em conta a própria fraseologia, a *Ep.* 47 de Séneca. O tópico da igualdade entre os homens já remontava de resto aos cénicos e havia sido desenvolvido pelos estoicos que, como se sabe, além de contarem nas suas fileiras um imperador (Marco Aurélio) e um escravo (Epicteto), ainda encaravam a condição social como indiferente. Observa, no entanto e com razão, Hidalgo de la Veja que o que, com as apregoadas manifestações de *humanitas*, se pretendia, era assegurar uma certa estabilidade social e a manutenção do paradigma escravagista vigente.

Dada variedade de perspetivas em que os fenómenos da alforria, da libertação e da abolição são estudados (religiosa, jurídica, política e social), revelam-se as atas uma obra importantíssima para o estudo transtemporal e transespacial dos referidos fenómenos.

PAULO SÉRGIO FERREIRA

GUIMARÃES, Joana, *Suicídio Mítico, Uma Luz Sobre a Antiguidade Clássica*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis, 1ª Edição, Coimbra, 2011, pp. 196 com apêndice – Tratamento Estatístico, ISBN 978-989-8281-92-0.

Esta monografia constitui a tese de Mestrado submetida pela autora Joana Guimarães, à Universidade de Coimbra, orientada pelo Professor Doutor Francisco de Oliveira.

Esta é uma obra cujo tema se torna um pretexto aliciante para a efectivação de um estudo mais aprofundado, na temática do suicídio na Antiguidade Clássica.

A monografia inicia-se com duas páginas de notas prévias, que se divide em abreviaturas e sigas; aparato crítico; autores antigos, e uma breve referência à obra utilizada para a tradução dos mitónimos, pormenores que se revelam importantes para o bom entendimento do texto.

A introdução enquadra o leitor, de uma forma muito bem estruturada, no objectivo desta investigação, que se traduz, na sua essência, por conhecer o Mundo Antigo e, acima de tudo, entendê-lo, nos seus pontos até agora mais

obscuros, trazendo-os à luz dos nossos dias. Joana Guimarães elabora o seu trabalho recorrendo a especialistas da actualidade, como W. Burkert, E.R. Dodds, P. Grimal, Maria Helena da Rocha Pereira, entre outros, igualmente de referência. É também, aqui, que a autora nos elucida quanto ao facto de os mitos heróicos e as tragédias gregas serem um campo frutífero no que diz respeito ao entendimento psicológico da civilização da Antiguidade Clássica, empenhando-se em marcar a importância de um estudo, mais aprofundado, sobre o suicídio. A autora aproveita a introdução para transmitir, ao leitor, a dificuldade em encontrar um termo específico, na Antiguidade, sinónimo da nossa palavra ‘suicídio’, com a essência que lhe está associada, bem como a sua definição enquanto elemento transmissor de sentimentos devastadores e capazes de propor um supremo sacrifício.

O capítulo I centra-se na Organização do *Corpus* e sua Tipologia, na qual é explicada, exaustivamente, a lógica construtiva do *corpus* que se desenvolve no capítulo II da monografia e os critérios de selecção utilizados. Joana Guimarães justifica determinadas escolhas em relação aos mitos abordados e a razão por, em diversas vezes, os considerar, efectivamente, suicídios, embora alguns se tivessem revelado frustrados (como é referido pela autora). O texto destaca-se devido à atenção que é dada no aprimorar dos factos, recorrendo, sistematicamente, ao cruzamento de dados de algumas versões dos textos antigos. Este capítulo subdivide-se em dois nos quais são expostos, de forma clara e concisa, os diversos motivos que levam ao suicídio, os quais são alvo de uma breve explicação e enriquecidos com exemplos, numa primeira parte. Na segunda parte, são abordados os *modi moriendi*, ou modos para o suicídio, em que são enumeradas as diversas formas de cometer o acto; também aqui, tal como no subcapítulo anterior, a autora recheia o seu texto com exemplos que se revelam muito úteis à compreensão dos motivos de suicídio e ajudam, sobremaneira, o leitor menos enquadrado nesta temática.

No capítulo II intitulado *Corpus*, encontramos a descrição de todas as figuras que na Antiguidade Clássica cometeram suicídio. Cada personagem é alvo de uma síntese que enquadra o leitor na sua história e, de seguida, é indicado o motivo que leva à prática de tal acto, o modo como é praticado, os temas em que está enquadrado e as fontes que relatam o facto.

No capítulo III, denominado Temáticas Emergentes, a autora desenvolve as temáticas que emergem dos mitos trabalhados no *corpus*, ressaltando o fio condutor existente nas diversas histórias abordadas com uma incidência, especial, para os comportamentos femininos na Antiguidade.

A conclusão encerra o corpo de texto e remete-nos para uma reflexão sobre a monografia e o trabalho nela desenvolvido. Completa a obra um apêndice com o Tratamento Estatístico, o qual integra 10 gráficos e um quadro, ordenado alfabeticamente, bastante úteis e que nos proporcionam uma rápida consulta. Seguem-se duas páginas de bibliografia que remetem o leitor para leituras mais aprofundadas sobre o tema exposto.

É de assinalar o cuidado com que foi feito o levantamento dos mitos e o tratamento exaustivo de que foram alvo. O resultado é um trabalho de grande mérito e uma excelente fonte para quem se quiser aventurar nos labirintos da mente humana e no desenvolvimento da temática. A obra vem, assim, e em boa hora, colmatar a inexistência de um inventário dos casos de suicídio na Antiguidade.

ISABEL M. COSTA SANTOS

HERNÁNDEZ, Marcos Martínez, *Sófocles. Erotismo, Soledad, Tradición*, Madrid, Ediciones Clásicas, 2010, 240 pp.

Este livro é apresentado pelo seu autor como o resultado de uma recolha de estudos sobre Sófocles, publicados entre 2000 e 2010, e obedecendo a linhas temáticas que o próprio título deixa perceber, a par de alguns inéditos. As três temáticas em apreço, a despeito da percepção do autor de que alguma delas terá merecido menos atenção na investigação sofocliana, foram, nas últimas décadas, objecto de atenção e investigação, consoante o relevo que as duas primeiras assumem em Sófocles. Como ‘tradição’ apresenta o autor um estudo atento da presença de Sófocles em Plutarco. O volume conclui com uma recolha de pequenos textos, sob a epígrafe de ‘Varia’, seguida de uma bibliografia sofocliana substancial.

Os três estudos dedicados ao erotismo sofocliano são antecédidos de uma espécie de preâmbulo crítico sobre os ângulos de leitura e as posições assumidas por filólogos em relação a esta questão, que vão do extremo representado, segundo o autor, por R. F. Adrados (p. 38), de ‘deserotização’ da tragédia, no caso em apreço da sofocliana, ao extremo que parece ser o da posição do autor, de panerotização da tragédia sofocliana.

É apreciável a pesquisa filológica que resulta na recolha e tratamento de anedotas de fontes antigas quanto a episódios da vida de Sófocles que envolvem a manifestação de uma faceta sensual e lúbrica do dramaturgo.